



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS V – “MIN. ALCIDES CARNEIRO” – JOÃO PESSOA/PB  
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS**

**JULIO POLO BALDEON CONDOR FILHO**

**COMÉRCIO INTERNACIONAL DA CANA DE AÇÚCAR NA PARAÍBA: UMA  
ANÁLISE DA SITUAÇÃO COMPETITIVA**

**JOÃO PESSOA - PB**

**2014**

**JULIO POLO BALDEON CONDOR FILHO**

**COMÉRCIO INTERNACIONAL DA CANA DE AÇÚCAR NA PARAÍBA: UMA  
ANÁLISE DA SITUAÇÃO COMPETITIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso na modalidade **Monografia** apresentado ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Bacharel em Relações Internacionais.

**Orientadora:** Professor Dra. Jacqueline Echeverría Barrancos

**JOÃO PESSOA - PB**

**2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C746c Condor Filho, Júlio Polo Baldeon

Comércio internacional da cana de açúcar na Paraíba  
[manuscrito] : uma análise da situação competitiva / Júlio Polo  
Baldeon Condor Filho. - 2014.

35 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações  
Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de  
Ciências Biológicas e Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Jacqueline Echeverria Barrancos,  
Departamento de Relações Internacionais".

1. Comércio internacional. 2. Cana de açúcar. 3. Energia  
renovável. I. Título.

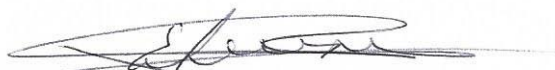
21. ed. CDD 382.0981

**JULIO POLO BALDEON CONDOR FILHO**

**O Comércio Internacional da cana de açúcar na Paraíba**

Monografia apresentada ao Curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba.

Aprovado(a) em 04/08/2014.

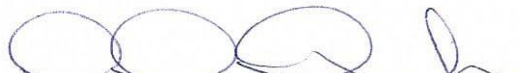


---

Professor(a) Jacqueline Echeverría Barrancos / UEPB  
Orientador(a)

---

Professor(a) Gabriela Gonçalves Barbosa / UEPB  
Examinador(a)



---

Professor(a) Ana Lúcia Carvalho de Souza / UEPB  
Examinador(a)

Essa monografia é dedicada a toda a minha família, mas em especial a três pessoas. A Meu Pai Julio Polo, cujos incentivos e atitudes sempre achei admirável, à minha mãe Ana Teresa, cujos valores e lições de vida nunca esquecerei, e a minha esposa Fabiana Moura pelo amor, paciência e dedicação contida nesta trajetória.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, a instituição UEPB e o seu corpo Docente pela oportunidade de poder desfrutar do conhecimento que a mim foi passado. Sem isso, não teria condições de ter feito este curso e talvez não teria trilhado o caminho correto na vida.

Em segundo lugar, ao meu pai e minha mãe que me criaram e sempre me apoiarão nas minhas decisões, e eles sempre me incentivaram a continuar estudando, e até hoje incentiva para nunca parar.

Em terceiro lugar, ao meu avô Julio Baldeon Gavino que conversou comigo e me ajudou a manter a cabeça sempre focada para os estudos. Mesmo estando muito longe, me deu muitos conselhos e sempre acreditou no sucesso desta profissão. Gostaria somente dizer que agradeço a todos estes que de alguma forma contribuirão para meu sucesso nesta profissão.

Perseverança é tudo, por que sorte qualquer um pode ter.

## RESUMO

O objetivo principal do presente trabalho é analisar as vantagens do comércio internacional da cana de açúcar que o Estado da Paraíba oferece para o Brasil e seus importadores. Segundo dados coletados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) verifica-se que a cana de açúcar é responsável por 10% do PIB brasileiro tendo a Paraíba como terceiro maior produtor do Nordeste. Produtos como o açúcar, a cachaça, o etanol e a fonte de energia renovável fornecem cada vez mais o crescimento das exportações brasileiras. Neste estudo foi utilizada a metodologia documental e bibliográfica de descrição histórica exploratória para observar a evolução desse ambiente mostrando o seu impacto para economia, não só para o Brasil mas para o mundo, pois atualmente a necessidade deste comércio internacional é cada vez maior. Os dados obtidos da presente pesquisa foram obtidos através de dados secundários coletados por meio de consulta a livros, revistas, sites, empresas do ramo na Paraíba e outros veículos de informação. A conclusão da análise do comércio internacional da cana de açúcar da Paraíba é de extrema importância para diagnosticar o cenário atual destes produtos no estado e sua atuação frente ao Brasil, além de mostrar os problemas e alternativas para o futuro deste comércio internacional. Nesse panorama visualizou-se a falta de investimentos e estratégias de renovação do setor industrial, havendo necessidade de um investimento tecnológico para evitar a poluição do ar e outros impactos ambientais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cana de Açúcar. Comércio Internacional. Energia Renovável. Paraíba.



## **ABSTRACT**

The main objective of this work is to analyze the benefits of international trade of sugar cane that is offered by the state of Paraíba to Brazil and its importers. According to data collected by the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) the sugar cane is responsible for 10% of Brazilian GDP with Paraíba as the third largest producer in the Northeast. Products such as sugar, rum, ethanol and renewable energy source provide increasingly growth of Brazilian exports. In this study the documents and literature of historical description exploratory methodology was used to observe the evolution of this environment showing its impact on the economy, not only for Brazil but for the world, because today the necessity of international trade is increasing. The data obtained in this research was obtained through secondary data collected by consulting the books, magazines, websites, branch companies in Paraíba and other vehicle information. The conclusion of the analysis of international trade of sugar cane from Paraíba is extremely important to diagnose the current scenario of these products in the state and his performance against Brazil, besides showing the problems and alternatives for the future of international trade. In this scenario the lack of investment and renewal strategies of the industrial sector, there is need for a technology investment to prevent air pollution and other environmental impacts.

**KEY-WORDS :** Sugarcane . International Commerce. Renewable Energy . Paraíba.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA.....	13
1.2 JUSTIFICATIVA.....	15
1.3 OBJETIVOS.....	18
1.3.1 OBJETIVOS GERAIS.....	18
1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
<b>2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>19</b>
2.1 BRASIL E O COMÉRCIO DA CANA DE AÇÚCAR: ANÁLISE HISTÓRICA.....	19
2.2 PARAÍBA E O COMÉRCIO DA CANA DE AÇÚCAR: ANÁLISE HISTÓRICA.....	25
<b>3 COMÉRCIO INTERNACIONAL E A CANA DE AÇÚCAR NO BRASIL.....</b>	<b>27</b>
<b>4 ANÁLISE DO COMÉRCIO DE CANA DE AÇÚCAR NA PARAÍBA.....</b>	<b>29</b>
<b>5 CONSIDERAÇÃO FINAL.....</b>	<b>32</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O advento do fenômeno da globalização e a formação dos diversos blocos econômicos que marcaram a década dos anos 90, tem repercutido e impactado grandes transformações no comércio internacional. Esse panorama intensificou a competitividade entre os mercados o que passou a ser uma exigência, cada vez mais, da adequação dos produtos as diferentes culturas.

Esse novo impacto econômico passou a exigir o conhecimento das transformações estruturais e de reengenharia no que diz respeito aos fatores de produção, como capital, terra e trabalho, traduzidos numa nova ordem econômica e definida pelo paradigma das tecnologias da informação. Determinadas mudanças ou revolução da nova riqueza, orientarão, politicamente como cada Estado/Nação deveria explorar sua atuação competitiva no mercado internacional.

Nesse cenário a agricultura brasileira, um dos setores que tradicionalmente participam do comércio em escala nacional e mundial, apresentando um potencial de crescimento, tem-se defrontado com a necessidade permanente de revisão e ajustes dos seus processos de produção e de produtividade para que as empresas possam se manter competitivas em arenas internacionais.

O produto destacado no presente trabalho sempre esteve presente nos debates brasileiros, em virtude da cultura canavieira, ou seja, a cana de açúcar faz parte da história e sua evolução e até os dias atuais. A sua atuação está presente tanto no cenário interno como externo. Tal fato assume especial relevância quando, observa-se que o Brasil e a Índia são os maiores produtores da cana de açúcar produzida mundialmente. Atualmente o Brasil é também o primeiro do mundo na produção de açúcar, etanol, utiliza o bagaço como fonte de energia. Dessa forma a escolha do tema conduz analisar o comércio internacional da cana de açúcar na Paraíba onde pode ser verificado o cenário econômico do Estado nesse setor. (MAPA 2013)

É notório que o crescimento econômico é vital para as economias em pleno desenvolvimento e este resultado tem tudo a ver com o impacto do comércio internacional, que está relacionado ao intercâmbio de produtos, serviços e culturas além das fronteiras internacionais. No Brasil, representa um percentual significativo do PIB, embora tenha passado por oscilações, o Brasil teve impacto positivo sobre o crescimento registrado entre 2004 e 2008. Mesmo que a interrupção em 2009 esteve igualmente associada a efeitos

adversos sobre o desempenho comercial, teve retomada a partir de 2010 com percentual de 10% do PIB brasileiro.

As discussões sobre comércio internacional e crescimento envolvem, evidentemente, muitas questões associadas, mas o foco central deste estudo está no contexto da cultura canavieira e seus derivados como, por exemplo, destilarias e usinas, produção de novos produtos como o etanol a energia renovável que surgem a partir da globalização ou por questões de necessidade como meio ambiente, tornaram o comércio internacional cada vez mais crescente aumentando sua importância econômica, social e política.

No âmbito da cana de açúcar o Brasil tem sido competitivo em comparação com os demais concorrentes externos, pois são vários fatores que favorece a produção brasileira o solo favorável para o plantio, os pequenos custos para produção entre outros. No entanto observa-se que o comércio internacional de cana de açúcar é distinto entre as diferentes regiões produtoras, centro-sul e norte-nordeste, devido as tecnologias empregadas e as ações políticas implementadas pelo governo, o presente trabalho destaca a situação da região da Paraíba neste comércio internacional que é o objeto que será analisado, apesar de não ser muito competitiva frente ao centro-sul do país, possui sua representatividade no mercado mundial.

Contextualmente observa-se que o Brasil prosperou muito, nos últimos vinte anos, mas avançou pouco no ajuste e correção das disparidades socioeconômicas regionais. A região do Nordeste continua sendo a mais atrasada do país e a Paraíba – situado na macro região Norte Nordeste, é um pólo industrial de pouca repercussão no mercado nacional e internacional. Embora, a eficiência e a competitividade da produção da cana de açúcar no estado da Paraíba teve sua história significativa, o estudo é inexplorado e a persistência motivou este trabalho considerando a importância do Setor Agrícola da Paraíba que soma um montante de 1,2 Bilhões de Reais tendo a cana-de-açúcar como um dos principais produtos agrícolas. Segundo a Associação dos Plantadores de Cana da Paraíba (ASPLAN), a agroindústria sucro-alcooleira representa uma das maiores fontes de geração de emprego no Estado, dado esta ser uma atividade intensiva em mão-de-obra. Além disso, de acordo com dados do IBGE (vários anos), a produção de cana-de-açúcar é a mais expressiva dentre as culturas temporárias do Estado.

Nessa visão no que se refere a questões de sustentabilidade, também circulam o tema, uma vez que o setor sucroalcooleiro brasileiro, entre outras iniciativas, esteve preocupado com a eliminação da queima da cana na fase agrícola.

Determinado fato, tem o seu impacto na comercialização do produto, uma vez que os importadores avaliam a questão significativa da destruição e degradação e danos ao ecossistema e liberação de gases e partículas poluentes que afetam a atmosfera.

Dessa forma, o trabalho está estruturado em cinco capítulos. O primeiro capítulo apresenta a introdução da análise do estudo de caso do comércio internacional da cana de açúcar no âmbito do Brasil mais especificamente na região do nordeste no estado da Paraíba, a definição do problema, os objetivos e a justificativa da seleção deste tema.

O segundo capítulo apresenta a revisão de literatura onde é abordada a perspectiva conceitual do comércio internacional da cana de açúcar, analisando a história e sua evolução no Brasil mantendo a ênfase no estado da Paraíba, será considerado as transformações tecnológicas e a globalização que ao passar dos anos beneficiarão este setor e seus países importadores destes produtos. Além de fundamentar a importância econômica que este comércio internacional de cana de açúcar tem no Brasil.

O terceiro capítulo mostra o comércio internacional da cana de açúcar no Brasil, e por que atualmente representa 10% do seu PIB. Foi destacada a importância da cana de açúcar na economia brasileira e para o meio ambiente deste mercado.

No quarto capítulo foi analisado o comércio internacional da Paraíba verificando a situação da cana de açúcar e suas principais empresas exportadoras. Já que este produto é muito importante para sua economia, então a análise é fundamental para verificar a situação do estado.

O quinto capítulo vem apresentar as considerações finais que foram analisadas no trabalho.

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

O crescente fenômeno da globalização econômica tem surgido como sendo uma oportunidade e um desafio para as empresas que desejem atuar no cenário internacional. Para atingir altos níveis de desempenho nas atividades do comércio internacional, faz-se necessário adotar estratégias de diferencial competitivo em relação aos concorrentes do mercado.

Visualizando os aspectos do domínio da terra na agricultura, especificamente a cultura da cana de açúcar, sendo considerada a terceira cultura temporária em termos de ocupação de área, atrás da soja e do milho e um setor que tradicionalmente participado comércio internacional sendo a cana de açúcar como um dos principais produtos deste comércio, apresentando um grande potencial para o crescimento, tem enfrentado esse desafio, em virtude da necessidade de ajustar e revisar os seus processos produtivos, para que as empresas possam manter esse crescimento nesses mercados.

A partir dessa perspectiva observa-se que o Brasil possui 376 fábricas de açúcar e de etanol cadastradas no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), segundo levantamento divulgado em 08 de abril de 2008. Do total, 241 das unidades são produtoras mistas (tanto açúcar quanto etanol), 120 produzem exclusivamente etanol e 15 processam apenas açúcar. O Estado de São Paulo é líder no ranking com 198 fábricas, seguido de Minas Gerais e do Paraná, com 40 e 30 unidades cada. A região Nordeste é bem representada pelos estados de Alagoas, Pernambuco e Paraíba. Alagoas está em terceiro lugar, com 25 fábricas, enquanto Pernambuco conta com 24 e Goiás com 21 fábricas. O estado da Paraíba possui 9 unidades, das quais 7 produzem exclusivamente álcool, 1 produz somente açúcar e 2 são mistas (MAPA, 2007).

Partindo dos dados acima se observou um número de empresas inseridas nesse comércio internacional brasileiro, pois representam um significativo percentual para o desenvolvimento da economia do país, conseguindo manter o Brasil como sendo um dos maiores produtores de cana de açúcar é também o primeiro do mundo na produção de açúcar e etanol e bagaço da cana como fonte de energia renovável, aumentando cada vez mais, o mercado externo com o uso do bicomcombustível como alternativa energética e que possui uma matriz energética considerada limpa. (MAPA 2013)

Já o mercado interno brasileiro teve e tem medidas governamentais que favorecem o uso do bicomcombustível a exemplo temos a implantação do Programa Nacional do Álcool (PROÁLCOOL) em 1975 que tinha como objetivo central amenizar os efeitos da crise do petróleo sobre o país, pois era dependente deste produto.

Segundo Shikida e Bacha (1998) esse programa promoveu a substituição de parte do consumo de gasolina por etanol, álcool obtido a partir da cana de açúcar. Assim, o país passou a ser pioneiro no uso, em larga escala, deste álcool como combustível automotivo, surgindo um novo mercado para os derivados da cana no Brasil, o que estimulou a produção desse produto.

A partir dessas informações expressas pelos estudiosos, pode-se perceber que a política e a economia estão interagindo para o aumento da produção da cana de açúcar, tanto internamente como para o comércio internacional. No mercado internacional as exportações brasileiras de açúcar chegaram US\$ 10 bilhões, os principais importadores são à China, Argélia, Egito, Rússia, Indonésia e Marrocos. Já o álcool exportado somou US\$ 2,18 bilhões com destino aos Estados Unidos, Jamaica, Coreia do sul e Japão. A tendência é que estes números irão crescer cada vez mais, pois o Brasil irá produzir mais para os próximos anos já que temos uma necessidade não só econômica mais de questões ambientais.

Determinada análise mostra cada vez, as necessidades deste comércio internacional da cana de açúcar para o Brasil, então o presente trabalho vem mostrar o papel do estado da Paraíba neste cenário, onde tem sua economia baseada principalmente no setor de comércio e serviços, sendo a sua Indústria a quarta principal do Nordeste. O Setor agrícola da Paraíba somou um montante de 1,2 Bilhões de Reais tendo a cana-de-açúcar como um dos principais produtos agrícolas, a Paraíba é o terceiro maior produtor cana-de-açúcar do Nordeste.

A produtividade das indústrias na Paraíba é maior para produção do álcool que para o açúcar, com isso observasse o problema em questão, pois para se produzir mais álcool é necessário que o preço esteja mais competitivo frente à gasolina para que assim possa aquecer mais a economia da Paraíba.

Diante da necessidade de analisar o comércio internacional da cana de açúcar na Paraíba, surge a pergunta: Qual a situação competitiva do atual comércio internacional da cana de açúcar na Paraíba? A resposta a essa indagação partiu de um levantamento bibliográfico e exploratório, analisando determinados aspectos que explicam o comércio internacional da cultura canavieira.

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Nas últimas décadas, o ambiente empresarial mudou de forma fundamental a atuação das organizações, países, estados e municípios obrigando-as a se manterem atualizados em razão das rápidas mudanças que vem acontecendo não apenas em setores industriais de bens de capital como também no setor agroindustrial fortemente afetado.

O setor produtivo de cultura canavieira brasileira de modo geral, tem sido competitivo, se comparado com os demais concorrentes externos em razão da produtividade atingida, os menores custos de produção, de o próprio solo ser propício e de qualidade entre outros incentivos governamentais.

Esse cenário competitivo chamou a atenção para avaliar como as diferentes regiões produtoras do Centro-Sul e Norte-Nordeste se posicionam no mercado da cultura canavieira. Dessa forma, faz-se necessário um trabalho que analise principalmente a situação competitiva do Estado da Paraíba frente ao mercado internacional.

Nesse contexto, observa-se que na economia brasileira há muito tempo o comércio internacional da cana de açúcar tem passado por várias mudanças, seja por motivos tecnológicos, pesquisas agrícolas e industriais, além de avançada gestão de negócios, por esse motivo justifica-se a sua análise, o caso do açúcar que é um dos primeiros produtos tipo exportação que surgiu no Brasil, líder em novas aplicações e tecnologias para o açúcar de cana. No país são produzidos seis tipos de açúcar (refinado granulado, refinado amorfo, glaçúcar, xarope invertido, açúcar líquido e açúcar orgânico) que são utilizados na indústria alimentícia, farmacêutica e de bebidas. É importante realçar que o açúcar é uma poderosa fonte de energia humana, extraída de matéria-prima abundante no Brasil e que não agride o meio ambiente. De acordo com o Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar do Estado de Goiás (SIFAEG 2013).

Verificando que o açúcar brasileiro tem acompanhado os avanços para ser competitivo no mercado internacional, analisaremos a quantidade produzida, o consumo interno e os seus principais compradores segundo o SIFAEG (2013). Com uma produção anual de 20.645.000 toneladas maiores que a produção de toda União Europeia e que a soma da produção da China e Estados Unidos. O açúcar é uma das grandes forças da economia nacional. Consome-se por ano, no Brasil, 52 quilos de açúcar per capita (a média mundial é de 22 quilos), utilizando a cana plantada em 2,35 milhões de hectares de terra; e metade da produção brasileira é



exportada. A Rússia, EUA, Canadá e Oriente Médio são os maiores compradores do açúcar brasileiro que gerou, no ano 2001, 2,3 bilhões de dólares para a balança comercial.

Os apuramentos acadêmicos com relação ao mercado internacional do açúcar são em geral com ótica econômica e administrativa, visando o monopólio do Brasil sobre este mercado.

Já no caso do álcool o Brasil é o maior exportador deste produto se destaca no cenário global como sendo o país com tecnologia mais avançada na fabricação de etanol. A produção mundial desse combustível é da ordem de 40 bilhões de litros – o Brasil é responsável pela fabricação de 15 bilhões de litros. No país, a cada tonelada de cana-de-açúcar são produzidos 66 litros de álcool e 700 a 800 litros de vinhaça ou restilo (SINDALCOOL 2014).

Os tipos de etanol fabricados são; etanol hidratado carburante que abastece motores dos veículos diretamente, etanol hidratado padrão nacional voltado para uso doméstico e fabricação de éter, Etanol Hidratado Padrão Exportação Mesmo uso do padrão nacional, porém trata-se de um etanol de melhor qualidade, mais demandado para exportação. Destilado alcoólico Utilizado na fabricação de bebidas alcoólicas é obtido por meio da mistura de etanol neutro e água desmineralizada, gerando um produto de graduação alcoólica menor que do hidratado neutro. Etanol Anidro Carburante Utilizado como aditivo na mistura com a gasolina (RAZÍEN 2012).

A indústria brasileira de etanol tem 30 anos de história e o país só usa a cana de açúcar como matérias primas para fabricação do seu etanol além disso por regulamentação do governo federal, toda gasolina comercializada no país tem 25% de etanol na sua mistura.

Os carros do tipo flex, que podem ser abastecidos com álcool ou gasolina, representam quase 90% dos modelos vendidos no Brasil. De acordo com a Federação Nacional de Distribuidores de Veículos Automotores (FENABRAVE 2013), só no primeiro semestre deste ano, foram comercializados 1.638.082 veículos no país todo. Deste total, 1.370,784 foram do modelo flex. O número representa um índice de pouco mais de 83%. Os outros 17% totalizam 261.298 unidades. Nesse montante, estão incluídos os veículos movidos a diesel, gasolina e gás natural.

Os acadêmicos apurarão que o mercado internacional do etanol está muito participativo na economia do Brasil só que divide este comércio internacional com os Estados Unidos que também são produtores de etanol.

Além destes produtos oriundos da cana de açúcar temos a bioenergia que é um tipo de energia limpa que não produz poluição e nem se esgota por que ela é renovável.

De todas as novas fontes de energia geradas do Brasil, a proveniente das usinas de cana-de-açúcar, através da queima do bagaço da cana, está entre as que mais rapidamente vêm respondendo aos desafios do desenvolvimento sustentável (SIFAEG 2013).

A partir dos presentes produtos apresentados e comercializados da matéria prima da cana de açúcar foi observando a importância para o Brasil dentro do cenário econômico interno e internacional, mas o trabalho destaca a Paraíba dentro deste comércio internacional de cana de açúcar.

O estado da Paraíba localiza-se no litoral oriental do Nordeste, fazendo limite ao Leste, numa faixa de 135 km, com o Oceano Atlântico. De acordo com o recorte territorial usado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE 2008), o Estado possui quatro mesorregiões, a saber: Mata Paraibana, Agreste, Borborema e Sertão. A produção sucroalcooleira está concentrada na zona litorânea, Mesorregião da Mata Paraibana. Onde possui oito usinas que fabricam etanol e uma que só fabrica açúcar.

Na comparação com os demais Estados da região Nordeste, estado da Paraíba é o terceiro maior produtor e foi o terceiro maior exportador no período 2000-2007. Merece destaque ainda a importância do etanol na pauta de exportação do Estado no mesmo período: exceção feita para 2006, o etanol ficou entre os quatro produtos locais mais exportados (MDIC, 2008).

Por tanto dos produtos produzidos a partir da cana de açúcar, observasse que a Paraíba se destaca na produção de etanol e como foi mostrado acima vemos este produto de fundamental importância para as exportações do estado. Justifica-se a necessidade de estudos mais apurados nesta área do comércio internacional que representa um ponto chave para a economia brasileira.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo Geral

Analisar o comércio internacional da cana de açúcar no estado da Paraíba e sua situação competitiva no mercado.

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

- Conhecer os aspectos históricos do produto dentro do Brasil e seu comércio internacional.
- Avaliar a situação da Paraíba no comércio internacional da cana de açúcar.
- Verificar a potencialidade da importância da cana de açúcar da Paraíba para o Brasil e o mundo.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 BRASIL E O COMÉRCIO DA CANA DE AÇUCAR: ANÁLISE HISTÓRICA.

De acordo com o tratado de Tordesilhas, a América foi dividida entre Portugal e Espanha. Durante o século XVI a disputa pelas colônias americanas cresceu muito e isto forçou Portugal a iniciar a colonização do Brasil por volta de 1532.

Além da preservação da posse da terra brasileira das invasões europeias (Holanda, Inglaterra e França), existiram outros fatores de ordem econômica. O comércio português com o Oriente estava em declínio e a descoberta de ouro e prata nas colônias espanholas despertou a esperança que houvesse ouro aqui no Brasil.

Na época da colonização americana os conquistadores estabeleceram dois tipos de colônias: a colônia de povoação como o norte dos Estados Unidos e a colônia de exploração, como o Brasil. As colônias de exploração tinham como principais características a economia baseada na grande propriedade escravista e a produção voltada para o mercado externo.

O governo português não possuía dinheiro suficiente para financiar a colonização brasileira e a solução encontrada foi passar as despesas da colonização para particulares. Em 1534, o então rei de Portugal D. João III, dividiu o Brasil em quinze grandes lotes de terras: as capitanias, assim chamada por quem os recebeu detinha o título de capitão donatário. Apesar do sistema de Capitanias hereditárias economicamente não ter alcançado todos os objetivos da coroa portuguesa e dos donatários, serviu para garantir posse da terra e ajudou as possibilidades de exploração econômica.

Nesta época sec. XVI o açúcar era um produto de luxo muito procurado na Europa. Alcançava altos preços no mercado e por consequência rendia muito dinheiro para comerciantes.

A cana de açúcar é um dos principais produtos agrícolas do Brasil, sendo cultivada desde a época da colonização Portuguesa, transformando-se no seu principal alicerce entre os séculos XVI e XVII. Do seu processo de industrialização obtêm-se como produtos o açúcar nas suas mais variadas formas e tipos, o álcool anidro e hidratado, o vinhoto que se aproveita como fertilizante ou na produção de biogás e o bagaço que pode ser aproveitado produzindo energia por meio da co-geração, possibilitando assim usinas autossustentáveis energeticamente (FURTADO, Junia ferreira 2000).

A existência no Brasil do solo de massapé favoreceu o cultivo da cana de açúcar e suas primeiras mudas foram trazidas no início do século XV, quando também iniciaram as

implantações dos primeiros engenhos no Brasil. Os Engenhos foram indústrias que após serem implantados logo conseguiu substituir a indústria extrativa do pau-brasil.

“Muitos foram os fatores que levaram Portugal a implantar a empresa açucareira no Brasil, vejamos as principais: Condições Geográficas favoráveis ao desenvolvimento da lavoura canavieira (clima quente, chuvas, solo de massapé no litoral do Nordeste, a experiência portuguesa bem-sucedida, com a plantação da cana de açúcar na ilha da madeira e no arquipélago do Açores, os enormes lucros que a metrópole poderia obter com a produção do açúcar e o enquadramento desse produto no sistema colonial mercantilista, o poder financeiro dos holandeses, que, desde o primeiro momento participaram do negócio. Controlavam o transporte, o refino e a distribuição do açúcar no mercado europeu”(GILBERTO COTRIM 1996).

O Brasil colônia. Em 1630 havia mais de 150 engenhos produzindo cerca de 2 milhões de arrobas de açúcar. No século XVII, a exportação de açúcar rendeu quase 200 milhões de libras esterlinas à Coroa portuguesa. De 1700 a 1850, a colônia exportou cerca de 450 milhões de arrobas, passando a ser a maior fornecedora mundial de açúcar (IDEA news 2003).

Vale ressaltar ainda segundo Cotrim (1996). “No negócio do açúcar, o português ficou com a tarefa mais difícil e menos lucrativa, o plantio da cana e a produção do açúcar bruto. Os holandeses assumiram a tarefa mais fácil e mais rentável: o refino do açúcar e a distribuição pela Europa.”

O plantio da cana de açúcar exigia uma grande quantidade de mão de obra. A princípio tentou-se escravizar o índio, só que para o governo português não era interessante este tipo de mão de obra. Os Índios estavam nas florestas, era só capturá-los, deixando a coroa portuguesa sem lucro.

A solução mais lucrativa era utilizar a escravização dos negros africanos, pois os donos do tráfico, buscavam os negros na África e vendiam no Brasil, carregavam suas embarcações com produtos tropicais e vendiam na Europa á altos preços.

O tráfico negreiro foi um dos setores mais lucrativos do comércio colonial. Para CONTRIM (1996) “o trafego negreiro enquadrava-se no sistema colonial mercantilista. Era um negócio externo que enriquecia a burguesia metropolitana.

A sociedade brasileira que marcou os primeiros séculos do Brasil se desenvolveu em torno do plantio e da produção do açúcar. Neste sistema quem mandava eram os senhores de engenho.

A situação dos engenhos e dos senhores de engenhos que era o posto mais elevado na complexa sociedade açucareira cabia ao senhor de engenho o proprietário dos complexos

agroexportadores, mais conhecidos como engenhos, o qual desfrutava de admirável status social.

Os engenhos eram formados por amplas propriedades de terras ganhas através da cessão de sesmarias lotes abandonados cedidos pela coroa portuguesa a quem se comprometesse a aproveitá-los para o cultivo (SANTANA, Mirian 2006).

“O poder político de senhor de engenho tinha como base o poder econômico. Por sua vez, o poder econômico do senhor de engenho era sustentado pela terra, pelos escravos e pela exportação de açúcar”. (COTRIM, Gilberto 1996).

Podem se afirmar que na sociedade açucareira dividiam-se em dois grupos opostos, os senhores e os escravos.

Se não dá para dissociar a agricultura canavieira de nossa história, também não é possível contar a história da cana sem abordar a região Nordeste do País. Apesar dos primeiros engenhos terem sido instalados na capitania de São Paulo, a maior proximidade da Corte portuguesa favoreceu aqueles implantados na região Nordeste. A capitania de Pernambuco registra sua primeira exportação de açúcar em 1521 e em 1590 destacava-se por meio da produção de açúcar como a mais importante da colônia (IDEA news 2003).

O Nordeste brasileiro com seu vasto litoral tornava-se o cenário perfeito para evacuação da produção extraída da cana de açúcar para a Europa, tornando-se assim base da economia na época dos engenhos. O Brasil sempre teve a exploração dos seus produtos para fins de comércio internacional desde o começo da sua história, pois tinha um vasto litoral perfeito para evacuação dos produtos, sendo o litoral pernambucano, o baiano e o paraibano que tiveram o maior destaque na produção açucareira da colônia.

Boris Fausto (1996) irá dizer. As invasões holandesas que ocorreram no século XVII foram o maior conflito político, militar da colônia. Embora concentrados no nordeste, eles não se resumiram a um simples episódio regional. Ao contrário fizeram parte das relações internacionais entre os países europeus, relevando a dimensão da luta do controle do açúcar e das fontes de suprimentos de escravos.

O Brasil sofreu a invasão holandesa depois que o rei da Espanha, Felipe II, invadiu e conquistou Portugal ficando o Brasil sobre domínio espanhol.

Portugal e Espanha fazem parte da Península Ibérica. Por isso, o período do domínio espanhol (1580-1640) foi chamado período da União Ibérica ou União Peninsular. A Holanda pertencia à Espanha e tornou-se independente em 1581. Felipe II não aceitou a Independência holandesa e proibiu todas as colônias espanholas de manter relações comerciais com a Holanda (COTRIM, Gilberto 1996).

Os holandeses chegaram ao litoral de pernambucano em 1630, após cinco anos de lutas conquistaram o território.

Para conquistar a paz entre holandeses e brasileiros e assim obter seus objetivos que era adquirir lucros com o açúcar foi enviado para Pernambuco João Mauricio de Nassau (1637-1644).

Para conquistar a simpatia e colaboração dos brasileiros, Nassau adotou medidas que favorecia os produtores de açúcar tais como: o dinheiro dos holandeses foi aplicado no aparelhamento de engenhos, na recuperação dos canaviais e na compra de escravos.

Em 1640, Portugal se liberta da Espanha e retoma a posse do Brasil, retomando o território brasileiro que estava na mão dos holandeses.

Durante o tempo que os holandeses ficaram no litoral nordestino, aprenderam as técnicas de plantio e produção do açúcar, produzindo da região das Antilhas, passaram a concorrer o açúcar brasileiro.

“A concorrência do açúcar antilhano provocou a queda em 50% nos preços do açúcar brasileiro, a empresa açucareira nordestina entrou em fase de decadência” (Gilberto Cotrim).

A eclosão da produção do açúcar no Brasil desperta a atenção dos Holandeses que logo tratam de invadirem o Estado do Pernambuco, maior produtor da época, e passam a trabalhar no local adquirindo assim conhecimento que mais tarde seria aplicando em seu País após serem expulsos do Brasil. Isso favorece o declínio da produção do Brasil, porém expande o comércio internacional do açúcar. Os holandeses surgem, então, como financiadores, transportadores e negociadores do nosso açúcar no mercado consumidor europeu. Podemos dizer que foram os holandeses o maiores beneficiados de forma lucrativa com o nosso açúcar diz Fabíola (2003).

Desde o fim do Sec. XVII o açúcar que foi o produto agrícola brasileiro voltado para exportação deixa de ser o principal produto econômico do país, e, a região nordeste mergulha até os dias atuais em grave crise.

Agora com a perda do monopólio do açúcar, o Brasil busca alternativas para o aproveitamento do cultivo da cana. A cana de açúcar volta com força na crise do petróleo como alternativa de combustível com o PROÁLCOOL. Isto ocorreu na década de 70 Sec. XX.

Desde os anos 70 a produção do etanol representa uma alternativa ecológica geradora de emprego e renda. Os primeiros passos do país rumo ao etanol foram dados pós-crise do petróleo nos anos 70 com o Pró-Álcool e um novo boom de crescimento da produção ocorreu

a partir de do início dos anos 2000 com a introdução dos veículos bicombustíveis no mercado (MAPA, 2007).

O fim da era do petróleo barato, com a formação do cartel dos países exportadores a partir 1973, provocou profundas transformações nas economias de todo o mundo. Os países importadores especialmente os subdesenvolvidos, foram os mais afetados oriundo das dificuldades de adaptação a nova realidade internacional (LEO rocha, 1981).

Preocupado em preservar as principais metas do 2º Plano Nacional do Desenvolvimento, conter a inflação, manter o crescimento acelerado e conservar o equilíbrio do balanço de pagamento, o general Ernesto Geisel, ainda na condição de futuro presidente da Republica, solicitou ao então diretor comercial da PETROBRAS e futuro Ministro das Minas e Energia, Shigeaki Ueki, que consultasse o setor privado sobre a questão. Ueki entrou em contato com vários empresários solicitando que estudasse a utilização de fontes não convencionais de energia para fornecer o subsidio ao novo governo.

“O álcool, que sempre fora considerado subproduto na economia brasileira e, diante do sucesso da iniciativa, deixou de ser encarado apenas como resposta a uma crise temporária, mas como solução permanente”.

Aproveitando que o Brasil já tinha terras e lavoura de cana de açúcar, clima adequado, facilitou a implantação do programa.

O Programa Nacional do Álcool ou Proálcool foi financiado pelo governo brasileiro como medida na época para tirar o Brasil desta crise do petróleo, pois tinha o objetivo de substituição em larga escala dos derivados de petróleo pelo álcool vindo da matéria prima da cana de açúcar. O Programa foi criado em 14 de novembro de 1975 pelo decreto nº 76.593, com o objetivo de estimular a produção do álcool, visando o atendimento das necessidades do mercado interno e externo e da política de combustíveis automotivos, esta informação vem do senado federal de (1975).

A decisão de produção de etanol a partir de cana-de-açúcar, além do preço do açúcar, é política e econômica, envolvendo investimentos adicionais. Tal decisão foi tomada em 1975, quando o governo federal decidiu encorajar a produção do álcool em substituição à gasolina pura, com o objetivo de reduzir as importações de petróleo, então com um grande peso na balança comercial externa. Nessa época, o preço do açúcar no mercado internacional vinha decaindo rapidamente, o que tornou conveniente a mudança de produção de açúcar para álcool (NOVACANA, 2013).

Segundo informações da ANP (Agência Nacional do Petróleo), entre 1983 e 1988, 90% dos veículos comercializados no Brasil tinham motor a etanol. Na década de 90,



contudo, a queda do preço do petróleo no mercado internacional mudou o quadro favorável ao setor sucroalcooleiro: com o barateamento dos derivados, incluindo a gasolina, o etanol perdeu competitividade e, respondendo a uma redução do consumo, houve também um recuo da produção do combustível. A falta de políticas públicas para o segmento contribuiu para esta retração do setor ao longo de toda década de 90.

Com este início a cana de açúcar se transformou em uma das principais culturas da economia brasileira. O Brasil atualmente é o maior produtor de cana de açúcar e também o primeiro do mundo na produção de açúcar e etanol e conquista, cada vez mais, o mercado externo com o uso do bicomcombustível como alternativa energética e que possui uma matriz energética considerada limpa e tem várias iniciativas de projetos que se destinam a esse mercado: biogás metano de aterro sanitário e dejetos animais, carvão vegetal para siderúrgica, biodiesel, casca de arroz e bagaço de cana como fonte de energia e floresta plantada (de grande e pequena escala, incluindo a agro floresta). Por meio do Programa de Incentivo às Fontes Alternativas de Energia Elétrica vem sendo estimulado o aumento da participação das fontes alternativas na matriz energética brasileira.

No início da década de 90 o governo brasileiro acabou com os descontos no Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) dos carros a álcool. Ao mesmo tempo o setor sucroalcooleiro foi desregulado e acabaram-se as cotas regionais, o controle da exportação e dos preços. Das medidas que compunham o programa original, resta hoje apenas a obrigatoriedade da mistura de 25% de álcool anidro à gasolina (RODRIGUES Délcio, ORTIZ Lúcia 2006).

No 2º Governo do Presidente Luiz Inácio da Silva, o bicomcombustível (álcool), surge como alternativa que diminui os efeitos nocivos do combustível ao meio ambiente. Este governo referente ao etanol ampliou a presença do Brasil no cenário internacional, trouxe novos investimentos externos, bem como esta prática que tem o potencial de gerar novos empregos e renda para o país.

Em 2007, o etanol desbancou a energia hidráulica na matriz energética brasileira e tornou-se a principal fonte de energia renovável do país, passando a ocupar, assim, a segunda posição na matriz energética brasileira, atrás somente do petróleo e seus derivados (PATERNANI, Leandro 2010)

## 2.2. PARAÍBA E O COMÉRCIO DA CANA DE AÇÚCAR: ANÁLISE HISTÓRICA

Já analisando a história na região da Paraíba temos no início da colonização o território da Paraíba que estava anexado ao território de Pernambuco.

Pernambuco, Itamaracá, Paraíba - Inicialmente, a Paraíba possuía a maior parte da área correspondente ao seu atual litoral, incorporada a capitania de Itamaracá, onde estacionara a expansão portuguesa rumo ao norte do Brasil.

Com a tragédia de Tracunhaém (tragédia na qual os índios mataram todos os moradores de um engenho), em 1574, a Corte Portuguesa ficou alarmada com os acontecimentos, o que levou o rei D. Sebastião a separar a Paraíba da Capitania de Itamaracá, elevando-a à categoria de Capitania Real da Paraíba, passando então a ser administrada diretamente pela Corte, que tirara para si todas as vantagens. O Decreto Real criando a Capitania Real da Paraíba foi editado, possivelmente em janeiro de 1574. Esta foi a terceira Capitania Real do Brasil, sendo a primeira, a da Bahia e a segunda do Rio de Janeiro. As terras da nova Capitania tinham os seus limites desde a foz do rio Popoca até a Baía da Traição (JOSIAS, 2008).

O primeiro engenho real de Tibiri foi instalado em 1585, por Martim Leitão, localizado próximo ao que é hoje João Pessoa e Santa Rita. “Em 1612, os engenhos, movidos a boi e água, enviavam, anualmente, a Pernambuco, vinte e dois barcos de açúcar que rendiam dízimos de quatro contos de réis...”. (JOSÉ OTÁVIO – História da Paraíba 1994).

A maior parte do território paraibano é seca, região chamada de semiárido, a área produtora de cana de açúcar esta praticamente restrita a região litorânea.

Os holandeses dominaram a Paraíba no final de dezembro de 1634. O controle holandês sobre a Paraíba durou apenas vinte anos, de 1634 a 1654, e nunca se fez total. Isso porque, desde cedo, os que não o aceitaram partiram para a luta armada que assolou a várzea do Paraíba. “Nesta os flamengos nunca conseguiram firmar-se.” (JOSÉ OCTÁVIO – História da Paraíba 1994).

“Tanto a Capitania da Paraíba saía devastada do período 1635/1654, por que os governadores holandeses que dirigiram até 1654 a Paraíba perdem a guerra. João Fernandes Vieira (1655), Antonio Dias Cardoso (1657) e Matias de Albuquerque Maranhão (1657/1663) tiveram como objetivo a recuperação da economia açucareira”

Este objetivo não foi alcançado porque novos impostos foram cobrados aos paraibanos, reduzem o poder dos “homens bons e cidadãos de posse” junto a essa medida a capitânias no final do sec. XVII foi assolado por epidemias de febre amarela e cólera, além de

sofrer cheias no Rio Paraíba que prejudicaram os canaviais e conseqüentemente os engenhos. Todos estes fatores, fez com que Paraíba ingressasse no Sec. XVII em uma enorme crise econômica ( JOSE Octavio, 1994).

“No início do século, a produção de açúcar era bem maior que a fabricação de álcool, mas hoje essa divisão está mais equilibrada, já que a produção de álcool cresceu bastante ao longo dos anos”, avaliou Carlos Antônio Ribeiro Coutinho, filho do usineiro Renato (2013). Hoje, as usinas ainda preservam características que denunciam o longo tempo em atividade, mas não deixaram de sofrer mudanças para se adequar às novas rotinas de produção. “As usinas estão mais mecanizadas, trabalhando com uma maior variedade de canas e também com novas técnicas, como a utilização de herbicidas”, observou (CARLOS Antônio, 2013).

A produção de cana de açúcar no estado da Paraíba encontra-se na zona litorânea e sua produção ainda é voltada para a produção de açúcar, porem agora maior parte das usinas são produtoras de etanol.

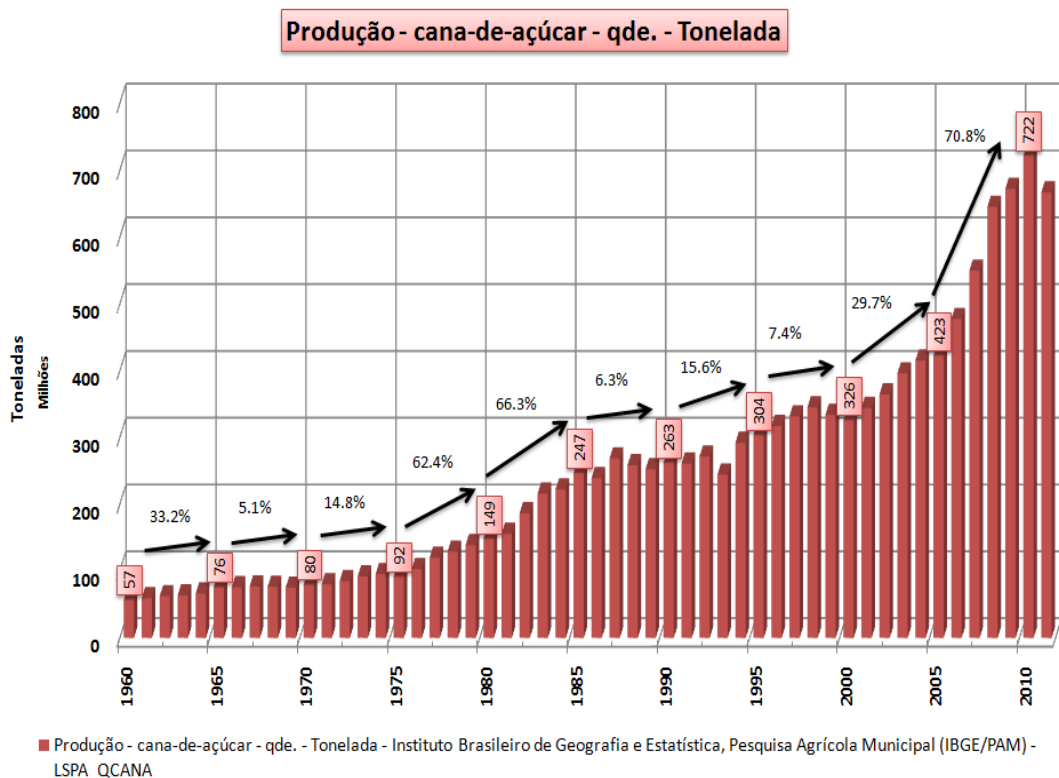
Segundo o jornalista e escritor Evandro da Nóbrega (2013), o setor sucroalcooleiro era uma das principais atividades econômicas da Paraíba à época. “Gerava a maior parte dos empregos e os produtos eram exportados para outros países. Também era o setor que mais recolhia ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias) durante as décadas de 1960 e 1970”.

Conforme o historiador José Octávio de Arruda Melo (1994), no livro História da Paraíba. “Aproveitando as facilidades creditícias do programa governamental intitulado Pró-Álcool e as condições dos mercados internacionais, a lavoura canavieira expandiu-se a ponto de, em 1985, despontarem 11 destilarias para produção de 370 milhões de litros de álcool”, afirmou o escritor.

Observa-se que a cana de açúcar esteve presente na historia da Paraíba, com a contribuição dos teóricos destacamos a importância destes produtos para o comercio, economia e desenvolvimento deste estado, que atualmente esta entre os principais produtores do Nordeste.

### 3 COMÉRCIO INTERNACIONAL E A ECONOMIA DA CANA DE AÇÚCAR NO BRASIL

O gráfico do IBGE abaixo mostrar a partir de 1960 até 2010 a produção da cana de açúcar em quantidade. Observa-se uma evolução gradativa, com grande aumento deste produto no decorrer destes anos, o aumento se deu por motivos econômicos e comerciais. O segundo capítulo na análise histórica, demonstra onde foi observado, que a partir dos anos 70 temos o etanol que entra no cenário econômico no Brasil, utilizando como combustível em substituição do petróleo, depois em 2007 o etanol desbancou a energia hidráulica na matriz energética brasileira e tornou-se a principal fonte de energia renovável do país. No decorrer dos anos os produtos vindos da cana de açúcar só tiveram a crescer, pois as necessidades aumentaram e agora já soma 10% do PIB do país.



Hoje a indústria canavieira brasileira encontra-se em novo ciclo de expansão, com expectativas de crescimento sem precedentes da produção tanto de açúcar como de etanol. Ao grande e consolidado mercado interno, somam-se as novas forças de expansão da produção representadas pelos motores bicompostíveis e pelo mercado internacional, hoje caracterizado pela ascensão dos preços do petróleo, pelos compromissos de redução das emissões de CO<sub>2</sub>

assumidos pelos países desenvolvidos junto ao Protocolo de Quioto e pela queda nos subsídios agrícolas para o açúcar (RODRIGUES Délcio, ORTIZ Lúcia 2006).

O Brasil tem a vantagem na produção da cana de açúcar, pois tem disponibilidade de recursos naturais, clima e solo perfeitos para o cultivo tornando assim o custo da fabricação do açúcar e etanol mais baratos do que o etanol produzidos nos Estados Unidos que é obtido a partir da matéria prima do milho ou do mesmo produto feito na Europa produzido pela beterraba.

Também convém ressaltar que a composição da matriz energética brasileira, apresenta grande vantagem em relação ao mundo, por utilizar parcela significativa de energia limpa e renovável. Enquanto no Brasil há 45% de participação dessas fontes, no mundo a média é de 13% e, nos países ricos de apenas 6% (Revista Opiniões. Zimmerman, 2008).

A partir de 2000 a 2010 observa-se no gráfico do IBGE acima a ascensão da cana de açúcar em quantidade, isso se dá por que o Brasil dá mais ênfase a energia renovável, além da importância do etanol a energia elétrica brasileira vem a partir da biomassa sucroalcooleira nos dias atuais tem papel fundamental na matriz energética do país, tendo maior relevância no cenário do comércio internacional, pois a cana se torna mais importante com total aproveitamento para o comércio.

O bagaço e a palha da cana são matérias-primas de destaque como fontes energéticas nesse novo processo. Uma tonelada de cana contém a energia equivalente a 1,2 barris de petróleo, sendo que cerca de 1/3 dessa energia está armazenada quimicamente no caldo (açúcares) e o restante na biomassa de cana: metade no bagaço e metade na palha, aproximadamente (Revista Opiniões. Holanda, 2008).

A cana de açúcar atualmente representa 10% do PIB do Brasil esta afirmação parte das informações coletadas neste trabalho onde destaca seus produtos que são açúcar, etanol e a energia renovável como sendo de fundamental importância para a economia e o comércio do Brasil e do mundo, pois parte de um produto que é ecologicamente correto e favorece o meio ambiente.

#### 4 ANÁLISE DO COMÉRCIO DA CANA DE AÇÚCAR NA PARAÍBA

É notório que a atuação internacional em diferentes mercados e as relações internacionais, estão cada vez mais inseridas nas organizações. Sendo assim, neste capítulo foi realizada a análise da competitividade e o grau de desempenho do produto cana de açúcar no Estado da Paraíba.

O Estado da Paraíba está situado no extremo leste da região Nordeste do Brasil. Tem 98% de seu território inserido no Polígono da seca e limita ao Norte com Rio Grande do Norte, Sul Pernambuco, Leste Oceano Atlântico e Oeste o Ceará. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Estado possui quatro mesorregiões, a saber: Mata Paraibana, Agreste, Borborema e Sertão. A produção sucroalcooleira está concentrada na zona litorânea, Mesorregião da Mata Paraibana. Com uma população estimada em 3.769.977 habitantes, o estado da Paraíba ocupa 56.584,6 km<sup>2</sup> de área territorial brasileira englobando 223 municípios.

A análise feita no presente trabalho é mostrar como este comércio da cana de açúcar esta situado atualmente no cenário econômico da Paraíba e suas perspectivas para o futuro, para tanto será utilizado fontes e dados secundários coletados dos principais sindicatos e usinas locais que contribuem para este comercio.

A safra da cana-de-açúcar começou neste mês de julho e vai prosseguir até o início de março, pois a previsão é que a produção brasileira chegue ao pico de 27 bilhões de litros de álcool. Só a Paraíba deverá produzir 394 milhões. Serão 105 milhões a mais em relação ao ano passado, quando o Estado atingiu a marca de 298 milhões de litros (SINDALCOOL, 2013).

A Paraíba atualmente é mais alcooleira, pois sua produção esta mais voltada para o álcool, onde conta com 8 usinas, sendo 4 que só produzem álcool, 1 unidade só produz açúcar, que é a empresa Monte Alegre, única exportadora de açúcar da Paraíba e 3 usinas são mistas produzem álcool e açúcar.

A Paraíba enfrentará falta de etanol a partir de março do próximo ano. A informação é do presidente do Sindicato da Indústria de Produção do Álcool da Paraíba (SINDALCOOL), Edmundo Barbosa. Segundo ele, o colapso será resultado de um descompasso que vem ocorrendo há vários anos no setor. O consumo está aumentando acima da capacidade de produção do combustível. Enquanto que a produção do etanol cresce a 3% ao ano, a venda de carros movidos a álcool sobe 10% (SINDALCOOL, 2013).

Com uma produção estimada em cerca de 6 milhões de toneladas de cana a cada safra, produzida numa área de cerca de 130 mil hectares, o setor canavieiro paraibano é de fundamental importância para a economia do Estado a ponto, inclusive, de estar entre os três maiores produtores de cana do nordeste, ficando atrás apenas dos estados de Alagoas e Pernambuco que são, tradicionalmente, os maiores produtores da região. Além disso, a Paraíba é majoritariamente alcooleira enquanto os demais estados do Nordeste produzem mais açúcar que álcool. O incentivo para a produção e uso do etanol, por tanto, tende a estimular a economia paraibana em diversos aspectos e elevar a qualidade de vida de milhares de pessoas que dependem da produção canavieira direta ou indiretamente (ASPLANOTICIAS, 2014)

O governo usa o marketing do álcool para ganhar prestígio dentro do cenário internacional, porém o centro-sul possui os melhores resultados, pois os investimentos são reais, já o nordeste está sem esperança diz Luiz Augusto agrônomo da ASPLAN (2014). Pois falta investimento do governo, para melhor desenvolvimento do trabalho e do comércio, pois a cana tem importância para o estado da Paraíba, que produz mais de 30 mil empregos diretos vindo da cana de açúcar.

Então temos no estado da Paraíba com algumas das principais usinas do nordeste entre elas destaca-se as usinas Japungu em Santa Rita produz açúcar, álcool e biodiesel, Monte Alegre produz principalmente açúcar e também etanol, São João que produz açúcar e álcool, Miriri produz açúcar, álcool e biodiesel, usina Jose Hamilton Mendes que produz açúcar e álcool, usina Santana s/a que produz açúcar e álcool, usina Campo Alegre Agricultura e comércio produz açúcar e álcool, Japungu Agroindustrial em Sape que produz álcool e açúcar e destilaria de álcool Giasa do grupo Tavares de melo.

Ainda hoje a produção açucareira representa parcela importante da economia paraibana. Conforme a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP, 2013), o açúcar foi o segundo produto mais exportado no primeiro quadrimestre deste ano e a Usina São João, que foi comandada por Renato Ribeiro Coutinho, foi a 5ª empresa no ranking das exportações no período. No mesmo período, o setor de fabricação de produtos alimentícios, bebidas e álcool etílico criaram 468 postos de trabalho na Paraíba, de acordo com o Cadastro Geral de Empregos e Desempregados (CAGED, 2013).

Conforme a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEP, 2013). Foi observado as principais empresas exportadoras do estado da Paraíba, entre elas destaca-se a destilaria de álcool Giasa do grupo Tavares de melo, usina Monte Alegre, companhia e usina São João e Miriri alimentos e bioenergia s/a. Não descartando a importância das outras usinas mas estas relacionadas é que estão trabalhando diretamente com o comércio internacional.

Mas por falta de políticas públicas capazes de fixar preços justos de combustíveis para estimular a produção de cana de açúcar o setor sucroalcooleiro passa por uma crise (ASPLAN, 2013).

O professor Gregório Maranhão da (Univasf, 2013) disse que o setor cresceu 20% no ano passado no Centro/Sul, mas o Nordeste encolheu 25%, isso também representa 70 mil empregos perdidos que podem ser recuperados se o setor tiver apoio para se recompor.



## 5 CONSIDERAÇÃO FINAL

Este trabalho analisou o comércio internacional da cana de açúcar no Brasil e na região da Paraíba, partindo do objetivo de analisar a competitividade geral no setor produtivo da cana de açúcar, a eficiência econômica e os efeitos da política neste setor, considerando os resultados no comércio internacional atualmente, mas partindo da fundamentação teórica dos autores e da análise histórica da cana de açúcar no país. Como o próprio nome já diz, o comércio internacional é de suma importância para as práticas de desenvolvimento econômico que se realiza em uma relação comum de compra e venda, em âmbito internacional.

Portanto, conclui-se que a demanda da cana de açúcar aumentou, de modo geral, além de ter condições geográficas e clima favorável para o desenvolvimento das lavouras canavieiras, no decorrer do tempo o Brasil que está emergindo no cenário internacional teve que buscar alternativas de combustível limpo e energia renovável que são de extrema importância não só para o meio ambiente, mas para consolidar um crescimento econômico baseado em tecnologia que não prejudica o planeta. Que está dando certo pois no âmbito da cana tem sido competitivo com seus demais concorrentes.

No entanto observa-se que o comércio internacional de cana de açúcar é distinto entre as diferentes regiões produtoras, centro-sul e norte-nordeste do Brasil, devido as tecnologias empregadas e as ações políticas implementadas pelo governo, o presente trabalho destaca a situação da região da Paraíba neste comércio internacional que é o objeto que foi analisado, apesar de não ser muito competitiva frente ao centro-sul do país, possui sua representatividade no mercado mundial. Representatividade esta cada vez menor, pois alguns autores dizem que estamos passando por um colapso que é resultado de um descompasso que vem ocorrendo há vários anos no setor.

Esse panorama do comércio internacional brasileiro, afeta qualquer região em razão que não foi muito memorável se comparado ao desenvolvimento mundial, Segundo dados obtidos no Ministério do desenvolvimento Indústria e Comércio, desde a década de cinquenta não houve rendimentos realmente significativos na balança comercial.

Buscando resolver os problemas que impediam o saldo positivo da balança comercial brasileira, foram criados pacotes cambiais com metas que estabeleciam incentivos que resultaram nos últimos anos, junto aos incentivos do governo, a evolução das exportações. Para assim tentar atingir o saldo positivo na balança comercial nos dias atuais.

Mas o consumo está aumentando acima da capacidade de produção do combustível. Enquanto que a produção do etanol cresce a 3% ao ano, a venda de carros movidos a álcool sobe 10% (SINDALCOOL, 2013).

O resultado da análise do comércio da cana de açúcar na Paraíba, serve para observar a importância deste comércio para a economia do estado, mas que atualmente está faltando incentivos de políticas públicas para este setor, não só no estado da Paraíba, mas em todo o Nordeste.

## REFERÊNCIAS

**Associação de Plantadores de Cana da Paraíba (ASPLAN).** < Disponível em: [http://www.asplanpb.com.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=46&Itemid=60](http://www.asplanpb.com.br/index.php?option=com_content&view=article&id=46&Itemid=60)> Acessado em: 20/01/2014, as 10:30

**A Raízen Empresa de Energia.** < Disponível em: <http://www.raizen.com.br/pt-br/segmentos-de-atuacao/producao-de-etanol>.

**Agencia do Petróleo, e Gás Natural e Bicomcombustível.** < Disponível em: <http://www.anp.gov.br/>. Acesso em : 30/01/2014

Beltrame, Cristian, O Etanol na Diplomacia Presidencial do Governo Lula. < Disponível em: <http://siaibib01.univali.br/pdf/Cristian%20Beltrame.pdf> Acessado em 02/03/2014

Contrim, Gilberto, **Historia Global.** < Disponível em: <http://www.trabalhosfeitos.com/topicos/gilberto-cotrim-trabalho-liberdade-e-submiss%C3%A3o/60>. > Acessado em 08/11/2013

**Etanol e Cana de Açúcar.** < Disponível em: <http://www.novacana.com/usinas-brasil/nordeste/paraiba/> Acessado em: 22/10/2013

**Gráficos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.** < Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=cana+10%25+do+pib+do+brasil&espv=2&tbm=isch&bo=u&source=univ&sa=X&ei=y7VU9SuNqXJsQSLxYHoBw&ved=0CFEQsAQ&biw=1024&bih=667>. > Acessado em: 13/05/2014 as 21:1

MDIC - MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR. Sistema ALICEWeb. Banco de dados. Disponível em: <<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/default.asp>>. Acesso em: 09/11/2013.

**Ministério da Agricultura e Agropecuária.**< Disponível em: <http://www.agricultura.gov.br/vegetal/culturas/cana-de-acucar>. > Acessado em: 16/12/2013 as 22:00

Otavio Jose, **Historia da Paraíba.**< Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABMVMFAF/historia-paraiba-jose-octavio>. Acessado em: 12/02/2014 15:21

**Programa Brasileiro de Álcool (PROALCOOL).** < Disponível em: <http://www.biodieselbr.com/proalcool/pro-alcool/programa-etanol.htm> Acessado em 19/05/2014

**Revista de Economia e Sociologia Rural.**< Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010320032013000400005&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320032013000400005&lng=pt&nrm=isso) > Acessado em: 10/12/2013 as 20:00

Shikida, Bacha, **Agencia Embrapa de Informação e Tecnologia.** < Disponível em: [http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/canadeacucar/arvore/CONTAG01\\_56\\_22122006154840.html#](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/gestor/canadeacucar/arvore/CONTAG01_56_22122006154840.html#). > Acessado em: 09/11/2013

**Sindicato da Industria de Fabricação de Açúcar.**< Disponível em: <http://www.sindalcool.com.br/http://www.novacana.com/n/cana/safra/goias-maior-safra-cana-historia-230113/>. Acessado em: 26/01/2013

**Sindicato da Industria de Fabricação do Álcool no Estado da Paraíba (SINDALCOOL).**  
< Disponível em: <http://www.sindalcool.com.br/>. Acessado em 03/05/2014

**União dos Produtores de Bioenergia.** < Disponível em: <http://www.udop.com.br/index.php?item=noticias&cod=994#nc>. Acessado em 12/04/2014

**Usina Japungu s/a na Paraíba.**< Disponível em: <https://plus.google.com/110584452582197276479/about?gl=br&hl=pt-BR> Acessado em 05/04/2014